

**MACHADO DE ASSIS E A FILOSOFIA: APONTAMENTOS PARA A
CONSTITUIÇÃO DE UMA ESTÉTICA CÉTICA**

Eunice Piazza Gai¹

RESUMO

O artigo propõe algumas reflexões acerca da presença de certos princípios filosóficos pertencentes ao pensamento cético na obra de Machado de Assis. De início, estabelece-se uma relação entre ironia, humor, ceticismo, recursos muito empregados pelos ficcionistas da tradição cultural a que o autor brasileiro também se filia. Do ceticismo, tomam-se alguns princípios que o caracterizam, tais como a dúvida, a suspensão do julgamento, a necessidade de investigação e verifica-se de que modo eles se transformam nos elementos constituintes da estética machadiana. A partir da interpretação de alguns textos do autor, os contos “Missa do Galo” e “Primas de Sapucaia” e de aspectos do romance *Esau e Jacó*, constata-se que esses elementos assumem a forma do humor, da ambigüidade, da negatividade e da investigação de caracteres.

Palavras-chave: Ironia. Humor. Ceticismo. Machado de Assis. Estética.

Alguns importantes autores da tradição ocidental como Machado de Assis, Luciano de Samósata, Montaigne, Erasmo de Roterdam, Sterne, Molière, Shakespeare, entre outros, costumam estar associados a diferentes correntes do pensamento ou sistemas filosóficos. Socráticos, estóicos, epicuristas, humoristas, céticos são algumas das classificações que se lhes atribuem. Montaigne, por exemplo, é considerado pela tradição crítica ora como estóico, ora como epicurista, ora como cético. A razão de agrupá-los aqui está no fato de que podemos notar em todos eles a presença da ironia e do humor. Como esses recursos são empregados em diferentes circunstâncias e com múltiplas finalidades, inclusive a ausência de finalidade, torna-se difícil equacionar objetivamente a questão das influências filosóficas.

A utilização da ironia e do humor pode indicar uma perspectiva satírica, cômica, crítica, romântica, filosófica, por parte do autor. Uma perspectiva satírica, por exemplo, estaria associada ao seguinte fragmento do texto de uma Cantiga de Escárnio, de João Garcia de Guilhade, trovador do século XIII:

Ai dona fea! foste-vos queixar
 porque vos nunca louv' en meu trobar
 mais ora quero fazer um cantar
 em que vos loarei toda via;
 e vedes como vos quero loar:
 dona fea, velha e sandia (MOISÉS, 1997, p. 30).

Trata-se, segundo Moisés (1997), de um exemplo de sátira ao estilo de Juvenal, um autor da Antigüidade latina que desenvolveu essa forma de escrita, num tom mais áspero e mordaz, diferente de Horácio, que escrevia sátiras mais amenas.

Um exemplo de ironia que se desloca para o cômico pode ser encontrada na peça *Escola de mulheres*, de Molière. Nessa peça o autor desenvolve o argumento seguinte: Arnolfo, um senhor bem sucedido resolve adotar e educar uma criança de quatro anos que deverá ser sua esposa. Toma semelhante atitude por ter medo de “levar chifres”. Educar, na verdade, é uma ironia, pois o que o distinto senhor pretende é a ignorância da eleita: “Em suma, desejo uma mulher de extrema ignorância. Que já seja demais ela saber rezar, me amar, cozer, bordar!” (MOLIÈRE, s.d. p.6). A ironia é que a moça acaba se apaixonando pelo filho de um grande amigo de Arnolfo e a situação se resolve em meio a muitas cenas de comicidade, como essa, em que Inês (esse é o nome da heroína) demonstra que a educação para a ignorância resultou no seu contrário: “Realmente o senhor tomou todos os cuidados para que eu recebesse educação esmerada. Pensa então que me iludo a ponto de não saber que sou uma idiota? Me envergonho de mim; mas na idade em que estou, não quero mais passar por imbecil – se puder” (MOLIÈRE, s.d. p.83).

A ironia na perspectiva romântica caracteriza-se pela existência de uma contradição primordial: a distância entre o ideal e o real. Os seres humanos têm a capacidade de idealizar as situações da vida, que logo se mostram ilusórias. Nesse sentido, a ironia é triste e muitas obras do Romantismo têm um final trágico. Aqui surge outro aspecto da ironia que é o fato de alguém ser vítima dela, isto é, vítima de circunstâncias, eventos, ou até de ingenuidade. Kierkegaard (1991) analisa essa forma de ironia e apresenta a visão de Schlegel a respeito.

Para este, a causa fundamental está situada na própria essência da condição humana que, dentro da sua finitude incontestável, está sempre lutando para compreender um universo infinito.

Tomemos agora a ironia em um dos sentidos filosóficos possíveis: o ceticismo. Ao operarmos essa associação, acabamos por retirar da ironia o caráter eminentemente crítico ou, em certos casos, trágico, como na visão romântica, que pode estar a ela vinculado. Em ambos os sentidos, a ironia se torna séria e assume uma determinada função, uma finalidade. Não ocorre o mesmo no ceticismo que não pretende nenhuma finalidade. Desse modo, seria mais apropriada a referência a uma perspectiva humorística associada ao ceticismo. Mas, considerando que os limites entre a ironia e o humor, às vezes, se confundem e que na tradição a visão socrática é considerada irônica, propomos aqui algumas reflexões que nos permitem delimitar melhor a questão.

A possibilidade de associar a ironia ao ceticismo reside no fato de que alguns dos principais autores que se denominam céticos aceitam a figura de Sócrates como paradigmática. A ironia socrática apresenta muitos pontos de contato com o método cético, na medida em que ambos exaltam a impossibilidade de cultivar as certezas a partir da refutação das opiniões.

O ceticismo é uma corrente de pensamento do período helenístico. Convivia com a filosofia de Aristóteles e Platão, ainda em voga, e com outros sistemas como o dos cínicos, dos estóicos, dos epicuristas. A palavra ceticismo deriva de *skêpsis*, que significa indagar. Essa corrente do pensamento filosófico antigo (tal como outras também, como o estoicismo, o epicurismo) tem como meta a conquista da *ataraxia*, isto é, a tranqüilidade da alma como uma forma de felicidade. Situa essa possibilidade na prática insistente e continuada da negação de toda a doutrina e sistema e na presença da dúvida. A negação se efetiva como um método que consiste em analisar um fato, um objeto sob diferentes ângulos, mostrando a multiplicidade de perspectivas a partir das quais se pode conhecer. Essa atitude acaba por evidenciar a inconsistência das construções teórico-práticas. Por essa razão, não é possível adotar nenhuma delas como verdadeira. A questão fundamental para as pessoas céticas é que consideram possível alcançar a *ataraxia* ou tranqüilidade da alma a partir da refutação de qualquer doutrina e não da aceitação de determinada doutrina. A investigação e a refutação se tornam então o eixo principal da existência cética e vão determinar uma atitude que a caracteriza especialmente: a suspensão do julgamento.

Eis algumas razões pelas quais é preciso suspender o julgamento, denominadas modos ou tropos. Foram determinadas pelo filósofo Enesidemo (150-70 a. C.), que reuniu sob tal designação os argumentos que os céticos que o antecederam já haviam formulado. Vamos explicar aqui apenas uma delas: a diversidade dos sentidos. Um determinado objeto difere segundo o sentido utilizado para percebê-lo; por exemplo, uma pintura pode ter relevo para os olhos e não o ter para o tato. Desse modo, como saber se as coisas não possuem determinadas características apenas porque nossos órgãos são tão diversos? Outros modos seriam: as mesclas, as distâncias, as situações e os lugares, etc.

Essa seria uma visão geral a respeito da concepção cética do mundo. Diante das razões que indicam a impossibilidade de termos certezas a respeito do que designamos como conhecimento, o pensamento cético indica como possíveis algumas atitudes tais como: colocar tudo em dúvida, continuar indefinidamente o processo investigativo (a *zetesis*) em relação às possibilidades de conhecimento, suspender o juízo. São, em especial, esses três aspectos que, quando conectados entre si e aplicados à criação literária machadiana, podem constituir a base para o delineamento de uma possível estética cética associada ao autor brasileiro.

Mas é necessário frisar de antemão, que não se trata de aplicar os pressupostos céticos aos textos machadianos. De outro modo, julgamos encontrar em Machado de Assis o desenvolvimento de uma atitude cética particular, porque de natureza literária. A ausência de julgamento, a atitude investigativa e a dúvida são idéias que se tornam princípios estéticos no âmbito da criação machadiana, ao se transformarem em ambigüidade, em perquirições incansáveis a respeito de caracteres, em alegorias ou metáforas e em negatividades. Ao mesmo tempo, tais tendências, em termos de sentido, tornam-se visíveis através da utilização do humor.

Selecionamos alguns textos do autor para expor a nossa interpretação a partir de tais pressupostos. Primeiro, o conto “Missa do galo”, depois, o romance *Esau e Jacó* e, por fim, o conto “Primas de Sapucaia”.

Sabemos que a história do conto “Missa do galo” se passa numa noite de Natal, na casa do escrivão Meneses, casado em segundas núpcias com Conceição, local em que vivia o narrador, então jovem estudante que viera do interior. A trama é simples, enquanto o jovem narrador, de nome Nogueira, aguarda a hora de ir à missa do galo com um vizinho, lendo *Os*

três mosqueteiros, Conceição “acorda” e desce para conversar. Cria-se um clima de sedução, conforme o relato do narrador.

Estaria Conceição insinuando-se para o rapaz, visto que apareceu na sala com um roupão mal apanhado na cintura, com os chinelos da alcova e se pôs a conversar sobre romances, e “de vez em quando passava a língua pelos beijos para umedecê-los”, e reclinava-se, e não desviava os olhos do rapaz...? Possivelmente, deveríamos responder a essa questão de modo afirmativo. É, porém, interessante notar as ambigüidades da cena descrita, cuja finalidade é criar um clima sedutor, que mais sugere do que explicita, porque enfim, nada acontece, e haveria tempo. É preciso também considerar que o narrador conta essa história muito tempo depois. É uma história de sedução, mas poderia ser inventada, imaginada por ele. Como pode o leitor ter certeza de que Conceição fizera tudo o que ele descreve? Afinal, a sedução passa muito mais pela imaginação do que pelos fatos. Além disso, a personagem feminina delinea-se em meio a diferentes conjecturas do narrador: era moderada, santa, sedutora, dissimulada. Tudo isso e mais a situação de ter um marido que vai ao teatro uma vez por semana e só volta no dia seguinte. Trata-se de um texto cuja centralidade é o processo ambíguo de que se constitui, denotando a intenção do autor de não emitir julgamentos, não apresentar asserções, não ter uma solução no que diz respeito à existência da verdade ou mesmo do sentido. É necessário registrar também a presença do humor, seja quando se refere ao marido de Conceição, que eufemisticamente ia ao teatro quando, na realidade, ia visitar a amante. Ou então, quando se refere ao fato de que eram “dois sonos leves”, momento em que o narrador se inclui no motivo para o riso. O humor vem corroborar a ambigüidade do texto, pois se o riso fosse uma arma para corrigir os costumes, no caso, os comportamentos das personagens, como quer Aristóteles, ou como prevê Bergson, o leitor deveria ser mais bem informado, deveria haver mais certezas a respeito do que se pretende corrigir. Mas no meio de tal ambigüidade, há que rir dela mesma.

Passemos ao romance *Esau e Jacó*. O assunto do mesmo gira em torno das famílias Santos e Batista e da sua relação com o Conselheiro Aires. A família Santos é constituída por Agostinho Santos e Natividade, o casal, e seus dois filhos gêmeos, Pedro e Paulo. E a outra, pelo casal e a filha Flora. Os dois gêmeos já brigavam no ventre materno e a rivalidade permanece por toda a vida. Ambos apaixonam-se por Flora, filha do casal Batista, que se apresenta “como a natureza de um vaso quebradiço ou a flor de uma só manhã”. Gosta de música, principalmente do piano. Mantém com os gêmeos uma relação ambivalente. Por um

lado, representa o ponto de união entre eles, buscando sempre conciliá-los, mas por outro, representa a separação, uma vez que deve optar por um deles. Também, quando está com um, defende o outro e vice-versa. Mas essa personagem, pela constituição que lhe é atribuída no romance, não é apenas uma personagem que atua no desenvolvimento da trama. Flora é a encarnação poética de uma idéia, a dúvida, e são muitas as passagens que permitem ao leitor realizar semelhante interpretação.

Vejamos uma delas, quando foi proclamada a República. Enquanto os pais não entendiam a queda de umas instituições e o surgimento de outras, Flora se dirige ao piano e toca uma sonata, escolhe uma coisa fora do tempo, do espaço, não se interessa pelo que acontece, não quer tomar partido, quer fugir dos homens e de suas dissensões. O Conselheiro a define como inexplicável. Ora o que pode ser mais inexplicável do que a dúvida? Outrossim, a indecisão que a caracteriza quando se trata de sua relação com os gêmeos ou com tudo o mais estaria a corroborar esse modo indeciso de ser. Mas Flora não resiste diante da necessidade de fazer opções e tomar decisões. Primeiro começa a ter alucinações, depois insônia, nervosismo. Depois, volta-se para a oração, adoece e morre.

Teríamos que mencionar também o Conselheiro Aires, personagem culto, maduro e solitário. Seu caráter conciliador é justificado porque não gosta da controvérsia, não toma posições. Pratica uma espécie de relativismo no que tange aos acontecimentos e busca sempre uma forma de não se comprometer. Podemos crer que a atitude absenteísta do Conselheiro Aires está conectada com a existência de um estado internalizado da dúvida.

Os textos ficcionais de Machado de Assis voltam-se para a dúvida e a ambigüidade tendo-as como eixo catalisador de sua proposta estética, mas esse romance, o penúltimo que escreveu, apresenta, certamente, uma elaboração muito sofisticada a respeito delas.

A atitude investigatória do autor manifesta-se especialmente quando empreende o estudo de caracteres. Constituem exemplos de retratos a personagem do Conselheiro Aires, acima referida e, também, na mesma obra, a figura de Natividade, mãe dos gêmeos. Como o nome já diz, encarna a maternidade. É uma alegoria que representa aquela que dá a vida, protege os filhos, estabelece a concórdia. A personagem é dona de um encanto e beleza perenes, os quais nem o tempo apaga, nem a velhice arrefece. Enquanto mãe vive para os outros, os filhos, e quer para eles uma vida e um futuro brilhantes. Com esses sentimentos impregna a sua existência, e são os mesmos que impregnam a existência das mães. Novamente, o sentido da personagem ultrapassa a condição de ser apenas alguém atuando no

jogo da ficção, ao desempenhar o seu papel. Este assume uma perspectiva muito maior, em que as mães, ou os sentimentos e ações que as caracterizam, estão nela encarnados. É por isso que se chama Natividade.

Também quando analisa os acontecimentos históricos, os valores que movem as ações dos seres humanos na sociedade, ou mesmo as questões relacionadas às condições e percalços da existência humana, manifesta-se o caráter investigatório da obra de Machado de Assis. Este é o caso do conto que se intitula “Primas de Sapucaia” e faz parte da coletânea de contos publicada em *Histórias sem data*, em que o autor reflete ou investiga algumas condições e conseqüências da presença do acaso.

As primas de Sapucaia são metáfora da presença do inoportuno, do importuno, do empecilho, das ocasiões perdidas. A história é contada pelo narrador, que é também personagem principal, e relata um episódio de sua vida que poderia ter determinado o seu destino de modo muito diferente do que de fato foi. Trata-se de uma ocasião em que, acompanhando as primas Claudina e Rosa, que tinham vindo do interior para passar dois meses na corte, na época do carnaval, à porta da igreja de S. José, estremece ao avistar uma senhora que por ali passa. É a segunda vez que a vê. Na primeira, havia já dois meses, estava acompanhada do marido, mais velho, por isso pensa que o senhor também poderia ser pai da moça. Apesar de ficar apaixonado, não a encontra mais. E, naquele momento, ela passa, mas, como está na companhia das primas, não a pode seguir e, assim como da primeira vez, apesar dos esforços que empreende depois, perde-a de vista.

O fato o leva a maldizer a presença das primas. Elas são o obstáculo à sua felicidade amorosa. Então, muito contrariado, sai de casa e vai almoçar em um hotel. E começa a construir um sonho, ou devaneio, uma narrativa completa do que poderia ser a sua vida com a referida senhora. Chega a dar-lhe um nome: Adriana. Mas, enquanto está embevecido nessa atividade mental, chega um amigo e interrompe o fluxo de suas idéias, o que faz o narrador exclamar em pensamento: “Nem o sonho me deixava esta outra prima de Sapucaia!” (p.420). Aqui o autor deixa uma pista a respeito do sentido metafórico que quer atribuir às primas de Sapucaia: mais uma vez, o acaso vem desfazer os nós da existência.

Mais tarde, ao fazer uma viagem a Petrópolis, encontra um antigo companheiro de estudos. Fica sabendo que ele tem casa em Petrópolis e que vive com uma mulher que arrancara do marido. E essa mulher, que vem a conhecer depois, é a mesma passante e seu nome é Adriana. Ao conhecê-la, mais tarde, verifica que é manhosa, injusta, grosseira e até

um tanto perversa. O antigo companheiro vive mal, mas apegado a ela e à situação, não consegue deixá-la, embora perceba a necessidade de fazê-lo. É assim que as primas de Sapucaia o livram de grande incômodo, de um passo que poderia ser definitivamente devastador para sua vida.

O conto apresenta uma investigação, que é também uma reflexão sobre o tema do acaso. Vejamos quantas conjecturas o conto nos instila: as primas de Sapucaia são uma possibilidade sempre presente em nossa vida; elas significam um empecilho; podem determinar nosso destino; aquilo que julgamos ser benéfico ou maléfico, nem sempre se revela como tal; na verdade, não temos em mãos a prerrogativa de saber o que é benéfico ou não para nós; as ocasiões perdem-se; nem sempre podemos lamentar as ocasiões perdidas, mas às vezes, temos de lamentar as ocasiões perdidas, pois elas não retornam mais, etc. Poderíamos incluir muitos outros pontos de reflexão acerca do acaso, inspiradas nesse conto. As primas de Sapucaia são, enfim, o acaso. Não há como prever os desastres ou as alegrias que dele possam advir. É preciso encarar os fatos de forma humorística.

Assim, ao associar a obra machadiana a uma perspectiva filosófica constatamos que, no conjunto, aparecem alguns elementos recorrentes que podem indiciar a visão do autor. Referimo-nos à incerteza, à falta de substrato para nossos julgamentos, à necessidade de investigar sempre, uma espécie de sina da condição humana, como aspectos onipresentes na ficção de Machado de Assis.

Por fim, de forma conclusiva, consideramos pertinente reiterar a idéia de que a estética machadiana se configura à maneira do ceticismo filosófico, apresentando pressupostos semelhantes, quais sejam: a investigação, a negação, a suspensão do julgamento, a presença da dúvida. Do ponto de vista estético, esses aspectos se traduzem na ambigüidade, no humor, na perspectiva negativa e na perspectiva investigatória que caracterizam a ficção do autor. Desse modo, associando o pensamento cético ao contexto literário de Machado de Assis, assinalamos a possibilidade de construção de uma estética cética que poderia contemplar outros autores da tradição.

MACHADO DE ASSIS ET LA PHILOSOPHIE: NOTES POUR LA CONSTITUTION D'UNE ESTHÉTIQUE SCEPTIQUE

RÉSUMÉ

Cet article propose quelques réflexions sur la présence de certains principes philosophiques de la pensée sceptique dans l'oeuvre de Machado de Assis. D'abord, on établit une relation entre ironie, humeur, scepticisme, recours toujours employés par les romanciers de la tradition culturelle à laquelle l'auteur brésilien aussi appartient. On prend du scepticisme quelques principes qui le caractérisent, come le dute, la suspension du jugement, la nécessité d'investigation et on vérifie comment ils se transforment dans les éléments qui constituent l'esthétique de Machado de Assis. Après l'interprétation de quelques textes de l'auteur, les contes "Missa do galo" et "Primas de Sapucaia" et quelques aspects du roman *Esauí e Jacó*, on constate que ces éléments assument la forme de l'humeur, de l'ambiguïté, de la négativité et de l'investigation de caractères.

Mots clés: Ironie. Humeur. Scepticisme. Machado de Assis. Esthétique.

NOTA

¹ Professora do Departamento e do Mestrado em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC).

REFERÊNCIAS

BROCHARD, Victor. *Los escépticos griegos*. Traducción de Vicente Quinteros. Buenos Aires: Losada, 1945.

GAI, Eunice T. Piazza. *Sob o signo da incerteza*. Santa Maria: EDUFMS, 1997.

KIERKEGAARD, S.A. *O conceito de ironia constantemente referido a Sócrates*. Tradução de Álvaro Luiz Montenegro Valls. Petrópolis: Vozes, 1991.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através de textos*. São Paulo: Cultrix, 1997.

MOLIÈRE. *Escola de mulheres*. Santiago: Editora América do Sul, Editorial Santiago, [s.d.].

OLASO, Ezequiel. "Zetesis". In: Manuscrito, XI, 2 (1998), p. 7-32.